

Sinodalidade: paradigma para a missão em diálogo

Dirce Gomes da Silva ¹

Resumo: Refletir sobre a sinodalidade, a partir da missão em diálogo, é pensar uma Igreja - povo de Deus - capaz de escutar e dialogar na busca do caminhar junto. Dialogar com aqueles que pensam diferente é uma virtude e esta é a missão de uma Igreja sinodal. Portanto, uma mentalidade eclesial, plasmada pela consciência sinodal, acolhe e promove novas relações aliadas ao projeto de caminhar junto. Buscaremos refletir sobre a sinodalidade como paradigma na construção de uma missão em diálogo. A proposta metodológica será uma análise bibliográfica e documental, considerando o magistério do Papa Francisco, teólogos e teólogas que apresentam o exercício de reflexão da sinodalidade no horizonte da evangelização de forma dialógica. Concluindo, faz-se mister que a Igreja, no exercício da sinodalidade, coopere na Missão de Deus, em diálogo, cuja evangelização efetiva será a comunhão, a participação e a missão como serviço. Por conseguinte, uma Igreja sinodal é uma Igreja “em saída”, missionária, de portas abertas. Isto inclui não apenas realizar atividades, mas criar relações inter-religiosas e empenho ecumênico com as quais estamos unidos mediante o Batismo.

Palavras-chave: Deus. Evangelização. Sinodal. Ecumênico. Igreja.

INTRODUÇÃO

Diante da crise de identidade eclesial, dos valores cristãos que se diluem, da frágil convivência de fé, uma renovação eclesial necessariamente implicará interação entre os diferentes sujeitos. Essa interação se expressa pela comunhão plural, a exemplo da Trindade. A visibilidade se dá através dos diferentes carismas, ministérios e serviços, expressão de uma eclesialidade de comunidades. São elementos convergentes de uma eclesiologia dialogante em vista da Koinonia. Portanto, é preciso se deixar interpelar sempre pela pergunta: como podemos ser verdadeiramente Igreja sinodal se não vivemos “em saída” em direção a todos para juntos irmos em direção a Deus?

A vida sinodal da Igreja se realiza graças à efetiva comunicação de fé, de vida e de empenho missionário ativada entre todos os seus membros (CTI, n. 110)

É preciso se deixar interpelar sempre pela pergunta: como podemos ser verdadeiramente Igreja sinodal se não vivemos “em saída” em direção a todos para juntos irmos em direção a Deus? O documento *Diálogo e Missão* nos impulsiona para essa vivência ao dizer: a igreja, em sua ação missionária, é vocacionada a se relacionar com as pessoas e povos, buscando na inter-relação o caminho do diálogo para superar todas as diferenças raciais, sociais e religiosas e assim se enriquecer reciprocamente (DM 44).

¹ Doutoranda em Teologia Sistemático Pastoral na Linha Evangelização e Diversidade Religiosa PUC/PR. Contato: missoesdircegomes@gmail.com

Wolff considera que a credibilidade do Evangelho é comprometida quando se pratica a missão com conflitos em oposição aos outros, por isso a relevância do caminhar junto, em uma realidade plural, tão marcantes nos tempos atuais (WOLFF, 2018, p. 116). O que é proposto pelo Evangelho é a inclusão, pois a vida plena oferecida por Cristo por meio do Espírito Santo só poderá acontecer pela articulação sinodal, articulada pelo diálogo com princípios teológicos e pastorais para o ser e agir da missão da igreja.

1 SINODALIDADE: O SER E AGIR DA IGREJA EM MISSÃO DIALOGAL

O caminho da sinodalidade é justamente o caminho que Deus espera da Igreja no Terceiro Milênio, afirma o Papa Francisco (Francisco, 2015, p. 2). Por que o ser e o agir da igreja é marcado pela sinodalidade, na perspectiva da missão? Primeiro, porque missão é a identidade, a natureza da igreja conforme afirma o concílio Vaticano II, “a Igreja peregrina” como “[...] missionária por natureza” (AG 2). Com este adjetivo, “missionária”, ele quer afirmar que a Missão da Igreja é a sua vocação, sua identidade, sua razão de ser, sua essência estruturante e seu serviço à humanidade.

A díade missão em diálogo, este desejo de transformação almejado pelo Vaticano II, vai induzir novas práxis de missão, práxis que, conforme afirma Comblin, até então era alimentada pela ideia de que salvar as almas era reproduzir em todos os territórios do mundo a estrutura do catolicismo europeu. Civilizar era a outra ideia principal da época, integrada ao colonialismo com intuito de civilizar os povos que não eram europeus (COMBLIN, 2005, p. 22).

Contudo, a partir do Concílio Vaticano II, o conceito de missão no âmbito religioso, se tornou mais amplo e envolvente, firmando uma igreja que se considera por sua natureza missionária, cuja missão é de Deus. Enquanto peregrina, cooperando na *Missio Dei*, também afirma o concílio, no capítulo II da *Lumen gentium*, que a igreja é povo de Deus que caminha, não isoladamente, mas na comunhão, participação e missão, logo, uma igreja sinodal (LG 9-17).

A sinodalidade é vivida na Igreja a serviço da missão. *Ecclesia peregrinans natura sua missionaria est* (a Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária), ela existe para evangelizar. Todo o Povo de Deus é o sujeito do anúncio do Evangelho. Nele, cada Batizado é convocado para ser protagonista da missão, uma vez que todos somos discípulos missionários. A Igreja é chamada a acionar em sinergia sinodal os ministérios e os carismas presentes na sua vida para discernir os caminhos da evangelização escutando a voz do Espírito (CTI, 2018, p. 19).

Portanto, impelida pelo Espírito Santo, a igreja, enquanto povo de Deus, é vocacionada a cooperar para que o desígnio de Deus, que fez de Cristo o princípio de salvação para todo o mundo, se concretize no mundo levando o mandato de Cristo, de anunciar a verdade da salvação até os confins da terra. “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-se a observar tudo aquilo que vos ordenei” (Mt 28,19-20; At. 1,8).

Essa missão, considerando o processo da sinodalidade, isto é caminhar juntos. Segundo Wolff, o diálogo, no qual o missionário cristão louva a Deus e anuncia essa salvação de Deus, primeiramente reconhecendo a presença e ação de Deus na vida de cada interlocutor (WOLFF, 2016, p. 101-102). Primeiramente, em atitudes de gratuidade e humildade admite que Deus já está presente na vida das pessoas a quem o evangelho será anunciado. Portanto, o agir missionário, em perspectiva sinodal, se fundamenta em uma teologia na qual a hermenêutica proposta é que a Missão deve ser realizada em Diálogo, por ser esta uma atitude integrante da missão evangelizadora da Igreja (RMi, n. 55).

Por isso, o Vaticano II, na Constituição *Gaudium et spes*, ressalta com insistência a relevante importância da missão da Igreja realizada de maneira dialogal. Neste sentido, evidencia:

Em virtude da sua missão, a Igreja constitui um sinal daquela fraternidade que torna possível e fortalece o diálogo sincero. Isto exige, em primeiro lugar, que reconhecendo toda a legítima diversidade promovamos na própria Igreja a mútua estima, respeito e concórdia, em ordem a estabelecer entre todos os que formam o Povo de Deus, pastores ou fiéis, um diálogo cada vez mais fecundo (GS, n. 92 a).

Deste modo, a missão em diálogo é aquela atitude de comunhão que promove a efetiva participação do Povo de Deus na missão universal. Essa missão, como já exposto, é essencialmente uma ação sinal do Reino na qual a igreja é serva e testemunha, onde todos são convidados a participar. Por isso, a missão, por sua natureza, é sempre uma tarefa compartilhada, é um verdadeiro exercício de comunhão intereclesial que propõe um mundo sem periferias e sem centro (SILVA 2020, p. 39). Deste modo, a Comissão Teológica internacional descreve sobre o diálogo sinodal:

O diálogo sinodal implica a coragem tanto no falar quanto no escutar. Não se trata de se engajar em um debate no qual um interlocutor procura sobrepujar os outros ou rebater as suas posições com argumentos contundentes, mas de expressar com respeito aquilo que se percebe em consciência sugerido pelo Espírito Santo como útil em vista do discernimento comunitário, abertos ao mesmo tempo a colher aquilo que nas disposições dos outros é sugerido pelo mesmo Espírito “para o bem comum” (1Cor 12,7; (CTI, 2018, n. 111.).

Para Paul Knitter, o desafio é dialogar enquanto se faz missão, em outras palavras, a missão é o diálogo. Sendo a missão, a partir do paradigma dialogal, não se dá mais em pretensões de superioridade. David J. Bosch, ao abordar o tema “Diálogo e missão”, afirma que a relação entre diálogo e missão deveria ser “um encontro de corações e não de mentes”. Para esse encontro ser possível, Bosch aponta algumas importantes perspectivas: 1) Aceitar a coexistência de crenças diferentes e fazê-lo de boa vontade, sem relutância; 2) Um diálogo autêntico com compromisso; 3) O diálogo só é viável se procedermos com a crença de que

não estamos avançando para um vácuo; 4) Diálogo e missão só podem se concretizar em uma atitude de humildade.

Atitude essencial no diálogo sinodal é a humildade que propicia a obediência de cada um à vontade de Deus e à recíproca obediência em Cristo. O apóstolo Paulo, na carta aos Filipenses, ilustra o seu significado e a sua dinâmica em relação à vida de comunhão para “ter o mesmo sentir” (φρόνησις), a mesma ἀγάπη, sendo uma só alma e pensando em unidade”. Ele tem em vista duas tentações que minam na base a vida da comunidade: o espírito de partido (ἐριθεία) e a vanglória (κενοδοξία). A atitude que é preciso ter é, ao contrário, a humildade (ταπεινοφροσύνη); seja considerando os outros superiores a si mesmo, seja colocando em primeiro lugar o bem e o interesse comum (Fl 2,2.3b-4) (cf. C.I.T n. 112).

Na missão, pelo método do diálogo, se torna possível a reversão do poder secreto que está em nosso comportamento para não estarmos abertos ao diferente. “É mais fácil estar em missão ‘para’ eles, que estar ‘com’ eles em um projeto comum” (AMALADOSS, 2000, p. 131). Logo, o método do “diálogo não é estratégia sofisticada da missão, mas uma teologia que emana do diálogo de Deus com a humanidade” (SUESS, 2017, p. 88). Neste sentido, consideramos que o propósito original da tradição missionária da Igreja se entende, antes de tudo, como uma obra de Deus *Missio Dei*. Entendida como o sair de si para o outro, na perspectiva do Deus Criador e Salvador.

2 OS HORIZONTES DA SINODALIDADE NO DIÁLOGO DE SALVAÇÃO

Deus é missão e a missão vem de Deus. DE fato, em sua ação, Deus revela sua essência como a de um Deus que dialoga e cria relação com a humanidade. Este amor é revelado através de Jesus Cristo, o missionário do Pai, é anunciado ao longo dos séculos pela Igreja a todos os povos. Que por sua encarnação, se uniu de algum modo a todo homem e mulher. Trabalhou com mãos humanas, pensou com inteligência humana e amou com um coração humano. Se tornou verdadeiramente um de nós, exceto no pecado (GS, n. 2). Nota-se que não há mais dicotomia na ordem da realidade humana e divina, mas um fiel diálogo de salvação estabelecido pela Palavra e a humanidade.

2.1 IGREJA EM SAÍDA

Iniciaremos essa seção abordando a seguinte questão: Como sair de um debate autorreferencial, presente nas estruturas eclesiais, para uma igreja em saída de maneira sinodal, com ações missionárias, dialógica como teologia do encontro, da proximidade e do respeito às diferentes expressões? O magistério do Papa Francisco nos ajuda a responder essa pergunta, desde a sua própria vivência na constante busca de uma igreja sinodal na perspectiva missionária. Por isso, ele afirma que a Igreja é chamada a estar “em saída”, como o seu Senhor que “[...] sabe ir à frente, sabe tomar iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos” (EG 24). E ainda assegura:

A Igreja ‘em saída’ é uma Igreja com as portas abertas. Sair em direção aos outros para chegar às periferias não significa correr pelo mundo sem direção nem sentido. Muitas vezes, é melhor diminuir o ritmo, pôr de parte a ansiedade para olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho. Às vezes, é como o pai do filho pródigo, que continua com as portas abertas para, quando este voltar, poder entrar sem dificuldade (EG 46).

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) corrobora com o Papa Francisco ao afirmar: dizer igreja é dizer missão: “[...] “a igreja nasce da missão e existe para a missão: existe para os outros e precisa ir a todos” (CNBB, 2011, Doc 94, 76, p. 68).

2.2 EVANGELIZAÇÃO

Quando falamos de evangelização primeiramente somos impulsionados pelas palavras do Papa Francisco: “Não deixemos que nos roube a alegria da evangelização” (EG 83). Em conformidade com o ensinamento da *Lumen gentium*, o Papa Francisco salienta particularmente que a sinodalidade “nos oferece o quadro interpretativo mais apropriado para compreender o próprio ministério hierárquico e que, com base na doutrina do *sensus fidei fidelium*, todos os membros da Igreja são sujeitos ativos de evangelização (EG 14-16). Disso resulta que a colocação em prática da Igreja sinodal é o pressuposto indispensável para um novo ardor missionário que comprometa todo o povo de Deus. Por isso, Paulo Suess, no intuito de encorajar essa atividade missionária, escolheu e descreve as cinco alegrias descritas pelo Papa Francisco na *Evangelii gaudium*, o que ele chama de “cinco pérolas” ou ‘rosário da evangelização’ a saber: 1. Encarnação; 2. Missão; 3. Misericórdia; 4. A opção pelos pobres; e 5. Diálogo com a humanidade (SUES, 2017, p. 61).

Maçaneiro afirma que o mandato missionário é tão universal quanto a vontade salvífica de Deus, que reconhece a presença da graça no coração dos crentes de qualquer religião, presente em seus elementos de bondade e verdade de seus ritos, mentalidades e costumes (MAÇANEIRO, 2006, p. 51). No entanto, a profissão explícita da fé em Cristo é possibilitada pela pregação missionária, na qual Ele é o objeto deste anúncio como “mediador, mestre, salvador e libertador” de toda a humanidade. Por isso, nos alerta o episcopado Latino-americano em Aparecida, “faz-se necessário o encontro vivificante com Cristo, porque Ele se manifesta como novidade de vida e missão em todas as dimensões da existência pessoal e social. Isso requer cada vez uma evangelização muito mais missionária, em diálogo com todos os cristãos” (Dap. n. 13).

Assim sendo, Evangelização, como tarefa da ação missionária, é um substantivo que não consta no Novo testamento. Por outro lado, enquanto verbo, evangelizar se encontra em Mc 16,15; Lc 4,18; At 8,25, 1Cor 9,16-17; Ef 2,17, 1Pd 1,25. Já o substantivo Evangelho, palavra de origem grega εὐαγγελίζω significa trazer ou anunciar boas novas Lc 1,19; Ap 14,

6. Proclamar, pregar (o evangelho), evangelizar Mt 4,23; Mc 1,1; Lc 4, 43; Lc 8,1; At 13,32; Rm 15,20; 1 Cor 15,1; 2 Cor 10,16; Gl 1,11,23; 1 Pd 1,12. Ser evangelizado, receber a pregação das boas novas Mt 11,5; Hb 4,2 (cf. GINGRICH, 1979, p. 87). Neste sentido, assim explicita Wolff:

Etimologicamente o termo evangelização procede da palavra evangelho, que no segundo testamento tem o sentido de uma mensagem que produz alegria e paz, sendo, assim, uma boa notícia (Is 52,7). Também no mundo grego “evangelho” é mensagem alegre, de modo que “evangelizar significa proclamar boas notícias, como a subida ao trono do imperador ou a vitória de uma batalha. No segundo testamento, o verbo “evangelizar” é encontrado 57 vezes (28 em Paulo, 15 nos Atos, 10 em Lucas), e “evangelho” 76 vezes, das quais 60 em Paulo. Aqui “evangelho” é a boa notícia de Deus ou de Jesus Cristo e relaciona-se ao Reino de Deus que Jesus traz para a humanidade (WOLFF, 2018, p. 334).

Por isso, o Papa Francisco afirma que: “Evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG 176). Em vista disso, o Papa Paulo VI afirma que a graça da evangelização sem dúvida está ligada ao testemunho de unidade, da comunhão e da relação fraterna entre os irmãos e sem nenhum subterfúgio ao anúncio de Cristo, as pessoas sejam capazes de se encontrar e se relacionar para além das tensões e conflitos próprios da missão. Por isso, ele ainda assegura que a obra da evangelização pressupõe e compreende que o amor fraterno na prática missionária do evangelizador deve ser sempre crescente e aponta a pessoa do Apóstolo Paulo como protótipo para o evangelizador. As suas palavras aos tessalonicenses são um programa para toda a ação missionária: “Tanto bem vos queríamos que desejávamos dar-vos não somente o evangelho de Deus, mas até a própria vida, de tanto amor que vos tínhamos” (1Ts 2,8; EN 77).

Em vista disto, segundo o Documento *Diálogo e Anúncio* (75), a Evangelização da Igreja por longos tempos consistia simplesmente em convidar as pessoas para viverem o seguimento de Jesus na Igreja. Todavia, na perspectiva da sinodalidade, a missão em diálogo vislumbra uma nova compreensão de evangelização que lentamente vai se desenvolvendo. Essa nova compreensão revela que a solidariedade, o diálogo e a colaboração vêm antes do testemunho e do anúncio do evangelho (AG 11-13; DA 75).

2.3 A COOPERAÇÃO

Cooperação missionária, segundo a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), é toda a ação que promove a efetiva participação do povo de Deus na missão universal. Logo, é um exercício de comunhão eclesial, de peregrinar junto, é uma tarefa sinodal compartilhada. Por isso, ela se concretiza através da oração como exercício de comunhão espiritual, pela partilha dos bens materiais, e pela entrega da vida. Estes exercícios de cooperação, de forma

bem concreta, se realizam através dos sujeitos e espaços de missão. Neste sentido se destacam os projetos Igreja-Irmãs da Igreja do Brasil (CNBB Doc 108, p. 34.35)

Nos tempos hodiernos, a atividade missionária na Igreja, em seus diversos âmbitos de missão com suas específicas tarefas, é vocacionada, e com prontidão, a cooperar com as urgentes necessidades que envolvem a humanidade. Um caminho proposto é o de se deslocar do “centro” rumo às “periferias”. Dois espaços geográficos bem distintos pelas características que desafiam a atividade missionária da Igreja. Por isso, o Papa Francisco insiste que “cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG 20). Assim instrui a Congregação para a Evangelização dos povos:

A participação das comunidades eclesiais e de cada fiel na realização do desígnio divino recebe o nome de “Cooperação missionária” [...] Cooperação missionária é o primeiro fruto da animação missionária, entendida como um espírito e uma vitalidade que impele os fiéis, as instituições e as comunidades a uma responsabilidade universal, formando uma consciência e uma mentalidade missionária orientada “*ad gentes*”. Por isso, toda iniciativa de animação missionária se dirige sempre para o seu objetivo: formar o povo de Deus para a missão universal “específica” e suscitar boas e numerosas vocações missionárias, promovendo toda forma de cooperação na evangelização (CMi 2b).

Desta maneira, Silva descreve que de qualquer evangelizador se espera uma viva libertação e maior sensibilidade face às necessidades dos outros. Por isso, quem deseja viver com dignidade e em plenitude não tem outro caminho senão reconhecer o outro e buscar o seu bem. “Quando a igreja faz apelo ao compromisso evangelizador deseja indicar que a vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros” (SILVA, 2020 p. 104). Isto é, definitivamente, a atividade missionária, logo a concretização da “*Missio Dei*”.

2.4 A RELEVÂNCIA PARA O CAMINHO ECUMÊNICO E O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

Na lógica de uma recíproca troca de dons à luz da verdade, a Comissão Teológica Internacional afirma que a sinodalidade está no coração do empenho ecumênico dos cristãos, considerando a própria palavra Sínodo como um convite a caminhar juntos em direção à plena comunhão e porque oferece – corretamente entendida – uma compreensão e uma experiência da Igreja em que podem encontrar lugar as legítimas diversidades. Ainda, recorda sobre o empenho dos fiéis católicos para caminhar juntos com os outros cristãos em direção à plena e visível unidade na presença do Senhor Crucificado e Ressuscitado: o único capaz de sanar as feridas infligidas ao seu Corpo ao longo da história e de reconciliar com o

dom do Espírito as diferenças segundo a verdade no amor (cf. CTI 2018, p. 5 n. 9.). Por isso, destacamos as palavras da Comissão:

O empenho ecumênico descreve um caminho que envolve todo o povo de Deus e requer a conversão do coração e a recíproca abertura para destruir os muros de desconfiança que há séculos separam entre si os cristãos, para descobrir, compartilhar e alegrar com as muitas riquezas que nos unem como dons do único Senhor em virtude do único Batismo: da oração à escuta da palavra e à experiência do recíproco amor em Cristo, do testemunho do Evangelho ao serviço dos pobres e marginalizados, do empenho para uma vida social justa e solidária àquele pela paz e o bem comum. É necessário registrar com alegria o fato de que o diálogo ecumênico chegou nesses anos a reconhecer na sinodalidade uma dimensão reveladora da natureza da Igreja e constitutiva da sua unidade na multiplicidade das suas expressões. Trata-se da convergência sobre a noção da Igreja como koinonia, que se realiza em cada Igreja local e na sua relação com as outras Igrejas, através de específicas estruturas e processos sinodais” (CTI, 2018, n. 115-116).

Dada a relevância desta tarefa missionária, a Conferência de Aparecida conclama para que toda ação evangelizadora seja direcionada para que o diálogo e a cooperação ecumênica se encaminhem para despertar novas formas de discipulado como missão, comunhão e participação. Constatando que “onde se estabelece o diálogo diminui o proselitismo, crescem o conhecimento recíproco e o respeito, se abrem possibilidades de testemunho comum”. Desta maneira, despertará uma nova eclesiologia de comunhão onde caminhar junto em diálogo pode gerar novas formas de discipulado (DAp 233). Assim acrescenta o Papa Francisco:

São tantas e tão valiosas as coisas que nos unem! E, se realmente acreditamos na ação livre e generosa do Espírito, quantas coisas podemos aprender uns dos outros! Não se trata apenas de receber informações sobre os outros para os conhecermos melhor, mas de recolher o que o Espírito semeou neles como um dom também para nós (EG 246).

Ainda, recorda o Magistério pontifício que, no atual século, a perspectiva missionária do movimento ecumênico é de grande importância. Neste sentido, insiste na unidade entre os cristãos como instrumento de evangelização, porque a salvação de toda a humanidade deveria ser a constante preocupação daqueles e daquelas que professam sua fé em Cristo. Trata-se, portanto, de um imperativo, porque o ecumenismo diz respeito ao amor de Deus, em Cristo Jesus. Logo, a divisão no anúncio do Evangelho se torna um grave obstáculo (cf. UUS 98- 99).

Dada a relevância desta missão sinodal, em comunhão fraterna e participação, diante da crescente difusão do ateísmo, secularização, materialismo e massas descristianizadas nos tempos atuais, o Diretório para o Ecumenismo aponta a missão ecumênica, enquanto

testemunho comum dos cristãos na missionação, como necessária e proveitosa para o mundo contemporâneo. Além disso, “constituirá um forte incentivo e uma confiança renovada na fé cristã no meio de uma sociedade secularizada”. Por isso, as Igrejas e comunidades se agregam e organizam programas que favoreçam o apoio comum às atividades missionárias (DE 2008).

CONCLUSÃO

A nossa intenção com esta pesquisa foi compreender e reforçar que, sendo a missão um processo da encarnação, de proximidade, o diálogo será constitutivo nesse delinear missionário. Assim, a Igreja, convocada à sinodalidade pelo processo de comunhão, participação e missão, à vivência dialogal, tem sido marcada pela tônica do imperativo de uma Igreja de diálogo em estado permanente de missão.

Concluimos que, na perspectiva teológica sinodal, a missão, pensada de forma dialogal, posiciona a Igreja não como detentora da verdade a ser levada aos povos, mas convocada a gestar um novo processo de evangelização na forma da transmissão da fé. Portanto, vislumbra-se um cenário promissor: os desafios e obstáculos que se apresentam serão removidos pela tomada de consciência de que a sinodalidade da igreja realizar-se-á na consciência de que “missão é diálogo, somente diálogo.

REFERÊNCIAS

- AMALADOSS, Michael. *Missão e Inculturação*. Tradução Barbar Theoto Lambert, São Paulo: Loyola, 2000.
- BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. 3.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009. p. 576-584.
- COMBLIN, José. As sete palavras-chave do Concílio Vaticano. In *Vida Pastoral*, n. 243 (2005), p. 17-22. Disponível em As sete palavras-chave do Concílio Vaticano II | Vida Pastoral. Acesso: 03.04.2022.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Missão e Cooperação Missionária, Orientações para a animação Missionaria da Igreja do Brasil. In *Documento da CNBB 108*, Brasília: Edições CNBB, 2016.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil. In *Documento da CNBB*, 94, 2011-2015. Brasília: Edições CNBB. 2011.
- CONGREGAÇÃO PARA EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS. *Cooperação Missionária, Instrução da Congregação para a Evangelização dos povos*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- CONCÍLIO ECUMENICO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et spes*. Sobre a Igreja no mundo de hoje. In: *Compêndio do Vaticano II*. Constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 143-256.
- CONCÍLIO ECUMENICO VATICANO II. Constituição dogmática, *Lumen gentium*, sobre a igreja. In: *Compêndio do Vaticano II*. Constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 39-113.
- CONCÍLIO ECUMENICO VATICANO II. Decreto *Ad Gentes*, sobre a atividade missionária da Igreja. In: *Compêndio do Vaticano II*. Constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 2015.p.351- 399.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS. *Diretório para a aplicação dos princípios e normas sobre o Ecumenismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. 2. ed. Brasília, CNBB, São Paulo: Paulinas, 2007.

FRANCISCO. *Exortação Evangelii gaudium*. A alegria do evangelho. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. Sinodalidade não é um slogan, significa essencialmente “caminhar juntos” DISPONÍVEL EM: “<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-09/papa-francisco-encontro-diocese-roma-sinodalidade.html>” ACESSO 02.05.2022.

FRANCISCO. Comemoração do cinquentenário da instituição do sínodo dos bispos. Discurso, Roma, 2015.

COMISSÃO TEOLOGICA INTERNACIONAL. *A sinodalidade na vida e na missão da igreja*. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.html> acesso 02.-5.2022.

GRINGRICH, F, Wilbur. *Léxico do Novo Testamento*. Grego/Português, Tradução de Júlio P. T. Zabatiero, 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 1996.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptoris Missio*. Sobre a validade permanente do mandato missionário, São Paulo: Paulinas, 1990.

KNITTER, Paul. A transformação da missão no paradigma pluralista. In *Concilium*, n. 319, 2007/1, p. 102.

MAÇANEIRO, Marcial. *Teologia das Religiões*. Salvação e religiões não-cristãs. Dissertação de Mestrado em Teologia. Belo Horizonte: FAJE, 2006.

PAULO VI. *Carta encíclica Ecclesiam Suam*. Sobre os caminhos da igreja. São Paulo: Paulinas, 1964.

PAULO VI. *Exortação apostólica Evangelii nuntiandi* A evangelização no mundo contemporâneo. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. *Diálogo e Anúncio*. São Paulo: Paulinas, 1986.

SECRETARIADO PARA OS NÃO CRISTÃOS. *Igreja e as outras religiões: Diálogo e Missão*. São Paulo: Paulinas, 1984.

SILVA, G, Dirce. *Missão em diálogo: uma proposta para o ser e agir da igreja na perspectiva do concílio vaticano II*, Dissertação de Mestrado, PUC PR, Curitiba: 2020.

SUESS Paulo. *Missão e Misericórdia*. A transformação missionária da Igreja segundo a *Evangelii gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2017.

WOLFF, Elias. *Caminhos do Ecumenismo no Brasil*. História, Teologia, Pastoral. São Paulo: Paulinas, Paulus, Sinodal, 2018.

WOLFF, Elias. *Espiritualidade do diálogo inter-religioso: Contribuições na perspectiva cristã*, São Paulo: Paulinas, 2016.